

Mastite afeta a maioria dos rebanhos

As doenças descritas também podem abrir as portas para a mastite, que ainda é o principal motivo de descarte entre vacas leiteiras e causa perdas de 30% a 40% da renda do produtor e afeta, em média, 30% do rebanho nacional. A forma subclínica da mastite, que pode ser até 40 vezes mais frequente do que a forma clínica, causa as maiores perdas econômicas e a redução da produção de leite por rebanho pode chegar a 71%.

“A doença tem uma prevalência bastante alta e há espaço para redução. Para isso, é necessário adotar um programa de controle”, diz o professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP e presidente do Conselho Brasileiro de Qualidade do Leite (CBQL), Marcos Veiga, colunista de *Mundo do Leite*. Ele salienta que, por ter diferentes agentes causadores e pela produção se dar em condições diversas em cada propriedade, não é possível indicar um meio universal de lidar com a doença.

“Isso ocorre principalmente em função das distintas realidades relacionadas aos sistemas de produção; à produção e genética dos rebanhos e à condição social, econômica e cultural dos produtores”, salienta a pesquisadora da Embrapa Gado de Leite, Vânia Maria de Oliveira. Mas é fundamental que o produtor tenha meios para diagnosticar a doença. Para auxiliar nessa tarefa, a Embrapa Gado de Leite deve lançar em julho cartilhas que orientam os produtores a fazer o diagnóstico e o tratamento da doença.

Veiga explica que o CMT (*California mastitis test*) é uma forma simples de diagnosticar a doença e que os produtores devem lançar mão do exame. Depois da limpeza dos tetos, os primeiros três jatos de leite de cada teto devem ser tirados, para estimular a produção de ocitocina e também realizar o exame para mastite. Esse leite é colocado em um recipiente com



Cuidados.

Antes do teste da caneca de fundo preto, só os tetos são lavados



O teste.

Jorram-se os três primeiros jatos na caneca de fundo preto



Desinfecção.

Em seguida, tetos são desinfetados com iodo